

As lágrimas de Köhl

O GLOBO

18 JAN 1996

JOSÉ SARNEY

Há momentos de coesão na História dos países e deles não se pode fugir. Uns, de natureza compulsória e que são determinados pela própria sobrevivência de toda a Nação. São os que ocorrem em face de agressão externa ou de calamidades ou catástrofes que necessitam da união de todos. Mas nos países civilizados há outros instantes em que essa unidade surge, como um sentimento nacional, que resgata o sentido de pátria.

É o que verificamos, agora, com a morte de François Mitterrand. Não se discutem as controvérsias de sua vida, o julgamento dos seus atos, mas uma coisa maior que é a unidade do povo francês diante de um homem que prestou grandes serviços à nacionalidade. Assim, o que a França demonstrou na grandiosidade e na magnitude dos funerais do ex-chefe de Estado não foi Mitterrand, mas a própria França, na vigília e na preservação dos

seus valores. É de De Gaulle a frase tão repetida de que "a França é maior do que o francês".

Mitterrand foi um homem que ocupou algumas décadas de presença constante na política francesa. A sua vida tem as duas faces de todas as vidas políticas: momentos de derrota e de vitória. Só que, com ele, as derrotas vieram primeiro e as vitórias, depois. O seu fim, precedido, contudo, de uma retumbante derrota dos socialistas, encerrava uma vitória de sua consagração como um dos grandes estadistas do seu tempo, cercado do respeito e do reconhecimento, não somente dos franceses como, também, de toda a Europa. Uma demonstração comovedora desse aspecto foi, sem dúvida, a cena que tomou de perplexidade o mundo inteiro, que presenciou aquele gigante de dois metros de altura, fisicamente explicitando a força dos alemães e o seu jeito de parecer duro, deixar rolar pela face suas lágrimas. Era um fato inconcebível e incompreensível, até aquele momento impensável: um chefe

de governo alemão chorando por um francês! Naquelas lágrimas estavam séculos de guerras e divergências, de idiosincrasias e separações. Köhl mesmo teve um tio e um irmão mortos na guerra pelos franceses. É que também sabia que muitos irmãos e tios de franceses tinham sido mortos por alemães, e os novos tempos eram os tempos do esquecimento na busca de uma Europa unida, a pátria européia.

Nós, da América, constituímos o espaço do mundo onde os ideais europeus se realizaram e o maior deles: o ideal da cultura política. O maior legado de Mitterrand é, sem dúvida, a convicção que ele teve durante os 14 anos de seu governo de que o presidente da República, além dos seus deveres de guardião da Constituição e das leis, é o guardião dos valores culturais. Mitterrand sempre soube que a força da França foi a força da cultura que ela projetou no mundo inteiro e foi a base das formulações políticas que construíram o mundo contemporâneo. Mitterrand in-

cumbiu Jacques Atali de coordenar os intelectuais e a Jack Lang, os artistas. Ele abriu a França inteira para um projeto cultural. Em Paris ele quis dar uma forma física, algumas vezes com idéias de que não gosto, como a Pirâmide do Louvre, e fez La Defense, com seu Arco, o Instituto das Artes, o Instituto do Mundo Árabe, a Grande Biblioteca Pública, a restauração dos monumentos e disseminou a idéia de que "la grandeur de la France" era a grandeza de sua cultura. Escritor, nunca viu qualquer incompatibilidade entre a arte de escrever e o exercício da política. Os franceses sempre viram nesse fato uma virtude e louvaram um chefe de Estado que não abandonava a sua devoção à palavra escrita. Que diferença desse "Tristes trópicos", como diz Lévy-Strauss, que em vez de louvar é motivo de críticas e chacotas. Peregrino Júnior contava como esse espírito de desprezo pelo homem de letras era tão grande em nosso povo. Ele, grande médico, teve um dia uma cliente que lhe disse:

— Dr. Peregrino, o senhor sabe o que me disseram do senhor?

— Não, minha senhora.

— Que o senhor era poeta, eu não acreditei e repliquei com a maior violência: ele é um grande pediatra que já salvou minha filha.

Peregrino Júnior, com aquele jeito manso e bom, alma sensível e humana, apenas replicou:

— Obrigado, minha senhora. As infâmias andam soltas...

A França é forte e é hoje a potência que é pela força de sua cultura. Não acredito em nenhuma potência econômica, política, militar se não for uma potência cultural. Mais forte do que todas as suas riquezas foram as palavras que, como um fogo, incendiaram as consciências do mundo inteiro em 1789: liberdade, fraternidade, igualdade. Diz-se que o século XIX foi o século da liberdade, o século XX, o da igualdade, da busca da igualdade, e o século XXI será o século da fraternidade.

Mas não se esgotariam aí o elogio de Mitterrand nem da França. Só um país como a França pode-

ria criar as condições culturais para que toda a Europa vivesse o sonho da Europa unificada. Mitterrand lutou por isso e viu seu esforço vitorioso. Ele sempre quis ser o anti-De Gaulle. Certamente não é maior que ele, mas está entre os grandes franceses.

Foi tão sábio que preparou sua morte nos mínimos detalhes. Revelou a todos que tinha sido colaborador de Vichy, para que pudesse se defender em vida. Mas, em seguida, foi um *partisan* dos mais bravos. Soube curtir o saibo das derrotas. Assumiu o socialismo e foi o mais capitalista dos governos da França. Ele sabia que quem governa lida com realidades, circunstâncias e o seu tempo. Ainda mais, há a frase de Shimon Perez, que ouvi no sepultamento de Mitterrand, quando almoçávamos no esplendor dos salões do Palácio dos Eliseus:

— Os monarquistas fizeram os grandes palácios, mas quem sabe gostar deles e usufruir são os socialistas.

JOSÉ SARNEY é presidente do Senado.